

## UMA NOVA EDIÇÃO DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

– POR QUÊ?\*

José Américo Miranda  
Alex Sander Luiz Campos  
Nilton de Paiva Pinto

**Resumo:** Este artigo apresenta as justificativas para uma nova edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, decidida em comum acordo pela equipe editorial da *Machadiana Eletrônica*; discute as questões decorrentes da recente descoberta de que há exemplares da terceira edição desta obra que trazem o “Prólogo da terceira edição”, redigido por Machado de Assis e que não aparece nos exemplares consultados pela Comissão Machado de Assis para a elaboração da edição crítica deste romance machadiano; e traz os critérios adotados na fixação do texto.

**Palavras-chave:** Edição de texto; Romance brasileiro; Machado de Assis; *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

É preciso que começemos pelas negativas – diferença radical entre o texto deste artigo e o das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O fato é que não seguimos ao pé da letra, na fixação do texto, as normas filológicas recomendadas para uma edição crítica, por julgar que em grande parte elas não se aplicam a este romance de Machado de Assis.

Não anotamos exaustivamente o texto; limitamo-nos ao registro, numa lista ao final do volume, das variantes ortográficas conservadas na edição crítica do romance (Instituto Nacional do Livro, 1960), à justificação dos poucos pontos em que esta edição dela se distingue, a um ou outro comentário linguístico ou de outra natureza, e ao registro ou à observação de um ou outro ponto em que julgamos contribuir com alguma

---

\* Os autores deste artigo agradecem à Prof.a Gracinéa I. Oliveira, pela leitura atenta e pelas sugestões; do mesmo modo, e pelas mesmas razões, agradecem também ao pesquisador Ivo Korytowski. A gratidão se estende, ainda, a Wenceslau Coimbra, pelas Imagens 1 e 2.

informação não presente nas edições anotadas já existentes. Pois existem essas edições, geralmente preparadas para uso de estudantes; a elas devem recorrer os leitores interessados. Recomendamos, especialmente, as seguintes: a de Massaud Moisés (Cultrix, que consultamos na edição de 1960), a de Valentim Aparecido Facioli (Ática, edição de 1975), a que traz notas de Ilka Brunhilde Laurito com a colaboração de Francisco Catão (FTD, 1998), a de Antônio Medina Rodrigues (Ateliê Editorial, edição de 1998), a de Letícia Malard (Autêntica, edição de 1999), a de Marcelo Módolo (Globo, edição de 2008), a de Marta de Senna e Marcelo Diego (Penguin Classics Companhia das Letras, edição de 2014) e a de Antônio Sanseverino (L&PM, reimpressão de abril de 2023). A essas, todas elas impressas, deve-se acrescentar a edição disponível no site machadodeassis.net, concebido e coordenado por Marta de Senna.

Não nos fixamos exclusivamente num texto-base – como o fez a edição crítica pela Comissão Machado de Assis, que tomou por texto-base a última edição publicada em vida do autor, em 1899, pela editora de Hippolyte Garnier (Paris). Não há dúvida de que essa (a de 1899) é uma edição importante, que precisa ser levada em conta; entretanto, igualmente importante é a primeira edição em livro, pela Tipografia Nacional (Rio de Janeiro), impressa em 1881, única em livro feita sob as vistas do autor.<sup>1</sup> Corrigimos o texto sempre que necessário; e, sobretudo, ficamos permanentemente de olho na edição de 1881. Esta primeira edição em livro parece ter sido particularmente pequena: tendo bancado a impressão na Tipografia Nacional (provavelmente com recursos próprios), Machado de Assis repassou a B. L. Garnier, para comercialização, apenas 470 exemplares.<sup>2</sup>

Não pretendemos, por fim, com esta edição, invalidar o trabalho sério, enorme, cuidadoso, diligente de outros especialistas, machadianos valentes, estudiosos e eruditos. O fato é que tal intenção já nos foi atribuída, em certa ocasião. “Valha-nos Deus! é preciso explicar tudo.”

\*

---

<sup>1</sup> Ver GRANJA, 2023.

<sup>2</sup> Ver o contrato em GRANJA, 2023, p. 116-117.

Argumentando no íntimo das negativas. Em carta de 26 de maio de 1895 a Carlos Magalhães de Azeredo, num contexto em que o amigo lhe dizia possuir todos os seus livros (exceto o *Tu, só tu, puro amor*), Machado de Assis dizia já não possuir alguns em sua própria coleção; e daí passa à ideia de uma terceira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.<sup>3</sup> Essa contiguidade não terá sido obra do acaso; há de ter sido pela sensação de falta – as *Memórias* deviam ser um dos livros que ele já não possuía. Em 29 de maio de 1897 (dois anos depois da carta mencionada anteriormente), já ele dava notícia da terceira edição das *Memórias póstumas*, saída em 1896 – “terceira, contando por primeira a publicação na antiga *Revista Brasileira*”.<sup>4</sup> Esta é a edição considerada “definitiva” da obra. Entretanto, pelas poucas correções de erros tipográficos presentes na terceira, foi a quarta a escolhida pela Comissão Machado de Assis para texto-base da edição crítica preparada por ela. Mais adiante no tempo, em 9 de setembro de 1898, em carta ao mesmo Magalhães de Azeredo, Machado de Assis deixou muito clara a sua insatisfação com a edição parisiense das *Memórias póstumas* (1896):

Para dizer-lhe alguma coisa de mim, vou fazendo o que posso, e é pouco, e não sei se por muito tempo. Estou com uma 2.<sup>a</sup> edição de *Iaiá Garcia* a ser posta à venda. Traz algumas incorreções, mas em pequeno número e de menor monta que as das novas edições das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e de *Quincas Borba*, a **primeira principalmente**.<sup>5</sup>

Cai por terra, evidentemente, a ideia de que a edição de 1896 (ou mesmo a de 1899 – como veremos) nos traga um “texto definitivo”, última vontade do autor. A Comissão Machado de Assis entendeu que “o ânimo autoral definitivo já estava atingido em C [1896]”. A quarta edição (1899) é apenas “uma reimpressão da segunda composição tipográfica”, a de 1896. Não obstante isso, existem “11 variantes entre C [1896] e D [1899]”,<sup>6</sup> e, por isso, escreveu Antônio Houaiss: “A crítica interna confirma, no caso do romance em apreço, a exatidão do critério de se haver, por motivos de história externa, escolhido a última edição em vida do autor, D, como a do texto de

<sup>3</sup> ASSIS, 2011, t. III, p. 82.

<sup>4</sup> ASSIS, 2011, t. III, p. 232.

<sup>5</sup> ASSIS, 2011, t. III, p. 322 (negrito nosso).

<sup>6</sup> As variantes foram elencadas por Antônio Houaiss (1960, p. 51-52).

base.”<sup>7</sup> A opinião do autor sobre a terceira edição (1896) deve-se estender à quarta (1899), apesar das onze variantes existentes entre as duas. Vejamos por quê.

A quarta edição foi impressa em julho de 1899: “sua datação está no colofão da página 387: ‘Paris. – Typ. Garnier Irmãos, 6, rue des Saints-Pères. – 379.7.99’, sendo [...] os dois últimos números indicativos do mês e ano da impressão, isto é, julho de 1899.”<sup>8</sup> Diante desse fato, é necessário que se tenha em mente um outro documento, datado de 3 meses depois (Rio, 30 de outubro 1899), em que Machado de Assis se dirige ao editor parisiense, dizendo: “Je vous prie, quand vous aurez à réimprimer *Memórias Póstumas de Brás Cubas et Quincas Borba*, de me le faire dire, car j’aurai une petite déclaration à mettre dans ces deux volumes.”<sup>9</sup> Ora, a “reimprensa” a que Machado se referia já havia sido feita há alguns meses! Isso demonstra que as relações entre editor e autor não andavam tão harmônicas e que as decisões e atitudes de Paris corriam um pouco à revelia do autor. Em nota à correspondência do escritor, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério escreveram, sobre Hippolyte Garnier: “Age de maneira pragmática, com maior interesse na literatura hispano-americana, além de manter vigoroso catálogo de autores franceses e de outros europeus.” E sobre as cartas trocadas entre o editor e o escritor: “A correspondência entre ambos é polida, mas cheia de arestas.”<sup>10</sup>

Como então dar à quarta edição, a de 1899, o privilégio de “texto definitivo”; como segui-la irrefletidamente, se, além das impropriedades oriundas das edições anteriores, ela há de ter suas variantes próprias? As correções feitas sobre a terceira edição podem não ter sido completas – ainda que ordenadas pelo próprio autor do romance. As erratas das obras machadianas, elaboradas por ele, são omissas em muitos pontos. Com esses fundamentos, demo-nos uma espécie de “liberdade controlada” (sempre pela segunda edição – primeira em livro), de modo que o texto desta edição

---

<sup>7</sup> HOUAISS, 1960, p. 52.

<sup>8</sup> HOUAISS, 1960, p. 51.

<sup>9</sup> ASSIS, 2011, t. III, p. 421.

<sup>10</sup> MOUTINHO; ELEUTÉRIO. In: ASSIS, 2011, t. III, p. 559. Nem todos os escritores brasileiros adotaram esse tom cordial com relação ao editor francês. Lima Barreto, por exemplo, em crônica do *Jornal da Tarde* de 7 de agosto de 1911, lembrando a morte recente de Hippolyte Garnier, em Paris, via aí ocasião para “falar na questão da edição de obras entre nós”, uma vez que a Garnier, a única editora que atuava com regularidade, pelo menos no Rio de Janeiro (na visão de Lima), era “[d]irigida por um velho mentecapto, que nem lia português e nunca tinha vivido no nosso meio”, “[v]elho rico, ignorante das nossas coisas”. (BARRETO, 2017, p. 88-89)

diverge em alguns poucos pontos do texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis.

Optamos, portanto, por uma edição baseada principalmente nas edições segunda e quarta, sem deixar de confrontar com a primeira e a terceira. Além disso, utilizamos também o texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis (1960). Em nota, justificamos nossas escolhas.

### **Os paratextos na abertura do livro**

Não é preciso invocar teorias nem autoridades para afirmar que há textos preliminares em obras de ficção que pertencem ao universo ficcional: é como se fossem capítulos da obra situados no pórtico dela. Antes de abordar especificamente os textos iniciais das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, examinemos exemplos estranhos à obra machadiana, mas que nos serão úteis ao raciocínio.

O prefácio encomendado por José Olympio a d. Ângela Vaz Leão para o livro *Cadeira de balanço*, de Carlos Drummond de Andrade, foi suprimido nas edições recentes dessa obra.<sup>11</sup> É natural que isso ocorra, uma vez que o paratexto – embora excelente, no caso em pauta – não é propriamente parte intrínseca da obra drummondiana.

O mesmo não acontece em outras situações, em que o prefácio é do próprio autor da obra, e, muitas vezes, tem caráter ficcional – pertence à arquitetura do romance (ou da obra, se de outro gênero). O romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, publicado por Oswald de Andrade em 1924, traz um texto “À guisa de prefácio”, assinado por Machado Penumbra. Ora, essa figura é um dos personagens do romance. O texto assinado por ela, portanto, é parte integrante da obra, essencial e consubstancial ao espírito dela; jamais poderia ser suprimido do conjunto textual (como se podem suprimir, por razões as mais diversas, textos preliminares de pessoas reais). Apesar disso, há uma edição das *Memórias sentimentais de João Miramar* – uma coedição da Livraria José Olympio e da editora Civilização Brasileira com a editora Três (Rio de Janeiro, 1973) – que não traz o texto assinado por Machado Penumbra. Em outras

---

<sup>11</sup> Esse prefácio não vinha na primeira edição de *Cadeira de balanço* (1966); veio a partir da segunda (1968).

palavras, o tratamento dado ao texto suprimido foi o mesmo que se poderia dar (legitimamente, diga-se) a um texto externo (do ponto de vista autoral) à obra.

Na primeira edição em livro das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, havia dois pré-textos no pórtico do livro, que vinham na seguinte ordem: “Ao leitor”, assinado por Brás Cubas, e a dedicatória “Ao verme”; só depois deste último é que vinha o Capítulo I. O “Índice”, ao final do volume (p. I), trazia a indicação dos textos na mesma ordem em que eles aparecem nas páginas iniciais do livro.

A terceira edição, de 1896, já trazia três pré-textos. Machado de Assis redigira e enviara ao editor um “Prólogo da terceira edição”, assinado por ele.<sup>12</sup> Este texto, portanto, deveria vir antes do outro, “Ao leitor”, assinado por Brás Cubas. No “Índice”, ao final do volume (p. 383), a ordem dos textos, seguida pela indicação das páginas, era esta: “PRÓLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO” (pág. VII), “AO LEITOR” (pág. IX), “DEDICATÓRIA” [Ao verme] (pág. XI), e, por fim, “CAPÍTULO I” (pág. 1). Tal sequência não é o que se vê nas páginas preliminares do livro; nelas, a “Dedicatória” [Ao verme] aparece logo depois da página de rosto. O que sucedeu? Muito provavelmente, tendo sido preparada e impressa em Paris esta edição, entenderam os tipógrafos que o lugar da dedicatória era na primeira página que se segue à folha de rosto – lugar tecnicamente determinado para as dedicatórias.<sup>13</sup> Entretanto, esta “Dedicatória” não é uma dedicatória convencional, mas uma peça fictícia. Faz parte, portanto, do universo do romance; não se situa na fronteira entre a obra e o mundo real, em que o livro foi publicado. O lugar correto para ela é o que ela ocupava na edição de 1881. Apesar disso, Antônio Houaiss entendeu que os tipógrafos parisienses tinham razão, e manteve a “Dedicatória” [Ao verme] logo em seguida à página de rosto, antes mesmo do “Prólogo” assinado por Machado de Assis. Segundo ele, a edição de 1881 “traz a dedicatória depois de ‘Ao leitor’, podendo ser por malbarato da ordem de impressão ao ser encadernado o exemplar de colação.”<sup>14</sup> Para ele, portanto, o erro ocorreu no Rio de Janeiro, não em Paris. Defendemos aqui a ideia contrária. Predominou em Paris o aspecto técnico, equivocadamente aplicado a uma

<sup>12</sup> Este “Prólogo da terceira edição” não aparece em todos os exemplares da edição. A Comissão Machado de Assis, que preparou a edição crítica do romance, não o encontrou em nenhum dos que examinou. Ver: HOUAISS. In: ASSIS, 1960, p. 50. Muito provavelmente, quando o “Prólogo” chegou a Paris, parte da edição já estava impressa. A descoberta de que há exemplares da terceira edição com o mencionado “Prólogo” é recente. Ver: OLIVEIRA; MIRANDA, 2023, p. 95-109.

<sup>13</sup> Ver, entre outros: ARAÚJO, 1986, p. 442; GENETTE, 2009, p. 116.

<sup>14</sup> HOUAISS. In: ASSIS, 1960, p. 105 (nota de rodapé).

dedicatória fictícia; e no Rio de Janeiro (sob as vistas do autor, diga-se) predominou o critério, digamos, estético, formal, estrutural da obra.

Uma outra consequência indesejável desse deslocamento da dedicatória ocorreu, por exemplo, na publicação do romance pelas Edições Melhoramentos (1963), em que a dedicatória [“Ao verme”] nem consta do Sumário do livro. Além disso, entre a dedicatória e o texto seguinte (“Prólogo da quarta edição”) há o “Sumário” e uma “Introdução geral” extensa (vinte e três páginas) assinada por Augusto Meyer. Ou seja: perde-se a conexão entre a dedicatória e a obra ficcional propriamente dita (da qual, diga-se, a dedicatória é parte).

A quarta edição (1899) é reimpressão, com algumas correções, da terceira. Nela, o “Prólogo da terceira edição”, assinado por Machado de Assis, aparece com o título alterado para “Prólogo da quarta edição”. O “Índice”, ao final do volume (p. 383) é idêntico ao da terceira – ou seja, o título do prólogo só foi alterado no início no livro, não no índice (que vem ao final).

Nossa edição, pelo que sabemos, é a primeira, desde 1881, que traz a dedicatória [“Ao verme”] de volta a seu lugar de origem. Os pré-textos, portanto, passaram a obedecer aos “índices” das edições segunda, terceira e quarta: o primeiro deles é o “Prólogo da terceira edição”, assinado por Machado de Assis, autor da obra; o segundo é “Ao leitor”, em que o personagem-narrador, autor ficcional das *Memórias*, (fingidamente) se dirige ao leitor delas; e, por fim, parte integrante do universo ficcional criado pelo romancista, vem “Ao verme” (dedicatória evidentemente fictícia, poética).<sup>15</sup>

Essa mudança de posição da dedicatória “Ao verme” guarda alguma semelhança com uma mudança de posição ocorrida numa obra de artes plásticas, que passamos a relatar. Quando Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira estudava as capelas dos Passos do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas (Minas Gerais), na segunda capela, a do Horto, ela se deparou com algo que lhe chamou a atenção. Escreveu a historiadora de arte brasileira:

---

<sup>15</sup> Trata-se de caso único na obra do autor, pelo menos considerando o que publicou em livro: suas outras raras dedicatórias no suporte livro são pessoais, e só ocorrem em obras do início de sua carreira de escritor: além da homenagem póstuma aos pais em *Crisálidas* (poesias, 1864), se dirigem a Quintino Bocaiuva em *Desencantos* (fantasia dramática, 1861) e a José Feliciano de Castilho n’*Os deuses de casaca* (comédia, 1861).

A força dramática da cena advém em grande parte do contraste entre a expectativa angustiante de Cristo (foto n.º 21 [no livro]), nesse momento que antecede diretamente a Paixão, e a serenidade tranquila do sono dos apóstolos diletos, Pedro, Tiago e João, escolhidos para secundar o Mestre nessa hora sombria.<sup>16</sup>

Em seguida, ela descreve a composição da cena, a distribuição das estátuas no espaço:

Do ponto de vista plástico, divide-se a composição da cena em três níveis distintos: o superior, ocupado pelo Anjo, um nível intermediário, em que se situa a figura do Cristo ajoelhado, e o nível inferior, delimitado pelas estátuas em posição horizontal dos apóstolos adormecidos. Esta distribuição triangular é perfeitamente adaptada à unidade dramática e psicológica da cena [...].<sup>17</sup> Imagem 1, abaixo.



Imagen 1 – Cena do Horto, completa  
Foto de Wenceslau Coimbra. 2025.

Observando as dificuldades enfrentadas pelo artista na composição da cena, pondera:

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, 1985, p. 34.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, 1985, p. 34.

É também bastante evidente a dificuldade encontrada pelo artista na representação do tema, pouco habitual, de personagens estendidos, no abandono do sono. Os corpos de São Tiago e São João, cujas cabeças são entretanto excelentes (fotos n.º 22 e 23 [no livro]), parecem completamente isentos de estrutura óssea ou muscular (notar, por exemplo, a supressão do ombro direito de São João). Outro detalhe curioso são os pés de São Tiago, estranhamente soltos no espaço, em desacordo com a atitude de repouso da estátua. **Quanto à imagem de São Pedro, reassumiu sua plena significação pelo simples recurso da mudança de posição sugerida por nós, uma vez que se trata de peça evidentemente concebida em posição de assento e não reclinada como anteriormente se pensava (fotos n.º 24 e 25 e n.º VI).**<sup>18</sup> Imagem 2, abaixo.



Imagen 2 – São Pedro, na posição atual  
Foto de Wenceslau Coimbra. 2025.

E assim foi que, por obra da argúcia de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, a estátua de São Pedro passou da posição antiga, em que o apóstolo estava representado deitado sobre seu lado direito, à posição atual, em que está representado sentado.

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, 1985, p. 36, negrito nosso.

Algo parecido com isso aconteceu com a dedicatória “Ao verme” na composição do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Concebida originalmente para figurar depois de “Ao leitor”, em que personagem-narrador se dirige a seus leitores, foi depois transportada (na primeira edição parisiense do livro) para antes de todos os demais pré-textos da obra – e aí vem figurando desde então (equivocadamente, segundo nosso ponto de vista).

Esse deslocamento da dedicatória “Ao verme” deriva, muito provavelmente, de uma adesão estrita à norma técnica que situa as dedicatórias das obras literárias na primeira página ímpar que vem depois da página de rosto. Daí à ideia de que se possa suprimir um paratexto inicial de uma obra, – seja ele um prefácio ou uma dedicatória –, sem “lesão” à integridade da obra vai um passo. Foi o que sucedeu no caso das *Memórias sentimentais de João Miramar*, que já mencionamos (supressão de prefácio). E não tardou que sucedesse o mesmo às *Memórias póstumas de Brás Cubas* (eliminação de dedicatória): a dedicatória “Ao verme” foi suprimida numa edição recente – a da editora Pé da Letra, publicada em 2020.<sup>19</sup>

Nesta edição, conforme já afirmamos, a dedicatória retorna à sua posição original.

### Esta e as outras edições

Esta edição foi preparada com atualização da ortografia, conforme as normas atualmente em vigor. Algumas exceções são comentadas a seguir, ou comentadas nas notas de rodapé.

A numeração dos capítulos, nesta edição, é feita em algarismos romanos precedidos da palavra “capítulo” em caixa-alta, como nas edições de 1880, 1881, 1896 e 1899; a edição crítica traz esses dizeres em versalete. Apenas o primeiro capítulo vem por extenso – “CAPÍTULO PRIMEIRO” – em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960. Seguimos as edições MPBC1-1880 e MPBC2-1881: “Capítulo I”. A

---

<sup>19</sup> Há também uma edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas* em que não aparece o “Prólogo da terceira edição”, assinado pelo autor do romance (que na quarta edição aparece com o título de “Prólogo da quarta edição”): é a impressa nas oficinas da Gráfica Melhoramentos, em setembro de 1997, em São Paulo, especialmente para o jornal O Globo/Klick Editora.

supressão de capítulos da primeira edição nas subsequentes implicou numeração diferente – registramos essas diferenças em notas de rodapé.

Os títulos dos capítulos foram conservados em redondo e negrito, como nas edições de 1881, 1896 e 1899. Na edição de 1880, eles vêm em versalete; e na edição crítica (1960), em redondo e sem negrito.

Na edição crítica, o primeiro parágrafo de todos os capítulos começa por letra capitular, e o restante da primeira palavra vem em versalete.

As abreviaturas presentes no texto, estendidas na edição crítica, foram conservadas nesta edição.

A edição crítica (MPBCEC-1960) registra, em sua “Introdução crítico-filológica”, que “nenhuma simplificação deve, a título algum, trair forma, valor ou função linguística, seja esta evidente ou potencial”.<sup>20</sup> Tentando preservar ao máximo o valor desta nossa edição para os estudos linguísticos, adotamos o critério de fazer uma lista, que vem no final do volume, com as formas gráficas antigas, que não se encontram mais no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão *on-line* da Academia Brasileira de Letras – disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>). Fazem exceção à regra as palavras “ênfasis” e “êxtasis” – conservadas no texto, mas devidamente acentuadas, pelo valor expressivo que lhes atribuímos à forma, pelo gosto machadiano das formas vocabulares antigas e por analogia com “parêntesis” (título do capítulo CXIX), que ainda existe no VOLP. Também se encontram nessa lista as palavras que aparecem no aparato crítico da edição crítica, por estarem presentes em algumas das edições.

Quanto às grafias que já não correspondem à pronúncia mais comum no Brasil, mas que vêm ainda registradas no *Vocabulário*, ou preservamos as palavras no texto (caso das que não causarão, em nossa opinião, muita estranheza ao leitor contemporâneo) ou as atualizamos e fizemos delas uma outra lista, que vem também ao final do volume.

No tocante à separação vocabular, diz a “Introdução crítico-filológica” da edição crítica: “A separação vocabular do autor é, no essencial, atualíssima. Nos pontos em que

---

<sup>20</sup> HOUAISS, 1960, p. 62.

discrepar, será respeitada.”<sup>21</sup> Nesta edição, a união ou separação vocabular segue as normas atuais – conforme a nossa interpretação de cada ocorrência. Esses casos estão incluídos na lista das palavras de grafia antiga, ao final do volume.

A palavra “casino” não foi atualizada (para “cassino”) nem incluída na lista das palavras de grafia antiga preservadas na edição crítica. Sobre ela, há uma nota no texto do romance.

Não acentuamos as formas verbais da primeira pessoa do plural dos verbos da primeira conjugação, quando no pretérito perfeito (ou mesmo no presente do indicativo) – no Brasil não parece ter havido tal costume, embora o acordo ortográfico recente o admita.

A grafia de nomes próprios estrangeiros ou bíblicos foi às vezes atualizada, e às vezes mantida nesta edição tal como se encontra nas edições do século XIX e na edição crítica (1960). Não atualizamos as grafias que acreditamos que ainda são encontradas com frequência nos textos brasileiros e não causam estranheza aos leitores contemporâneos; e atualizamos as que julgamos necessário atualizar (para não destoar dos hábitos do leitor atual). Os casos que atualizamos implicaram a inclusão do nome na lista dos nomes de grafia antiga, que vem ao final do volume.

Nos casos em que o autor suprimiu trechos do texto do romance, esses trechos vêm no rodapé, com a ortografia atualizada – sem o registro das variantes ortográficas conservadas na edição crítica (para não criar “notas” ao rodapé).

## WHY A NEW EDITION OF MACHADOS DE ASSIS’S *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*?

**Abstract:** This paper presents the reasons for a new edition of *Memórias póstumas de Brás Cubas*, decided jointly by the editorial team of *Machadiana Eletrônica*; discusses the questions concerning the recent discovery that there are copies of the third edition of this novel that include the “Prólogo da terceira edição”, written by Machado de Assis and which does not appear in the copies consulted by the Comissão Machado de Assis for the preparation of the critical edition of this novel; and explains the editorial decisions made in the preparation of the text.

**Keywords:** Text edition; Brazilian novel; Machado de Assis; *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

---

<sup>21</sup> HOUAISS, 1960, p. 62.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de balanço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar; Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: Princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1960.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Texto integral cotejado com a edição crítica do Instituto Nacional do Livro. Notas da editora e suplemento de trabalho: Valentim Aparecido Facioli. São Paulo: Ática, 1975.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: O Globo/Klick Editora, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Apresentação e notas por Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Ateliê, 1998.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Notas de Ilka Brunhilde Laurito com a colaboração de Francisco Catão. São Paulo: FTC, 1998.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Machado de Assis; biografia, vocabulário, comentários, bibliografia por Letícia Malard. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Fixação de texto e notas Marcelo Módolo. São Paulo: Globo, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Estabelecimento de texto e notas de Marta de Senna e Marcelo Diego. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Barueri, SP: Pé da Letra, 2020.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Fixação de texto, notas e posfácio de Antônio Sanseverino. Porto Alegre: L&PM, 2023.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas. machadodeassis.net*: Referências na ficção machadiana. Concepção, coordenação, pesquisa e edição Marta de Senna. Pesquisa e edição Marcelo Diego. 2021. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/memorias-postumas-de-bras-cubas/5985>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo III – 1890-1900. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Organização e introdução Beatriz Resende. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, papéis editoriais: *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: GRANJA, Lúcia; SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (org.). *Machado de Assis: o autor, o leitor, o crítico*. São Paulo: Alameda, 2023. p. 103-126.

HOUAISS, Antônio. Introdução crítico-filológica. In: ASSIS, Machado de, 1960. p. 45-102.

MOUTINHO, Irene, ELEUTÉRIO, Sílvia. Correspondentes no período 1890-1900. In: ASSIS, Machado de, 2011. p. 539-585.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada, MIRANDA, José Américo. A terceira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: o prólogo de Machado de Assis. Rio de Janeiro, *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, /v. 19, n. 1, p. 95-109, jan.-abr. 2023.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho: Passos e Profeta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

### Sobre os autores deste artigo

**José Américo Miranda** é doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor aposentado de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é editor-chefe da revista *Machadiana Eletrônica*. ORCID: 0000-0003-1447-7785. E-mail: bmaj@uol.br.

**Alex Sander Luiz Campos** é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor de Literatura no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, *Campus Salinas*. É líder do grupo de pesquisa “Edição e recepção de textos de Machado de Assis”. ORCID: <https://orcid.org/0001-8751-1724>. E-mail: alex.campos@ifnmg.edu.br.

**Nilton de Paiva Pinto** é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador independente. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2925-3426>. E-mail: npaivapinto@gmail.com.